

CARTA PARA NINA - RESENHA POÉTICA SOBRE UMA JORNADA DE CURA E CRIATIVIDADE

Felícia de Castro Menezes¹

RESUMO: Apresentamos um relato do II Encontro de Estudos em Movimento: Criatividade, Ser e Cura, e IV Seminário Transcultural sobre Teatro e Dança, promovido pela Universidade Federal da Bahia e o Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, em colaboração com a Duke University (EUA) e a North Carolina University (EUA). Buscando a intimidade de uma conversa para melhor assegurar o compartilhamento da experiência, o presente texto é escrito em formato de uma carta, e articula poética e criticamente anotações da autora durante o evento, questões acerca de suas vivências como artista, e um diálogo com as reflexões sobre mito tecidas pelo historiador Mircea Eliade.

Palavras-chave: Arte. Cura. Criatividade. Mito. Cultura.

ABSTRACT: Here is an account of the Second Meeting of Studies in Motion: Creativity, Being and Healing, and the IV Transcultural Seminars on Theater and Dance, sponsored by the Federal University of Bahia and Graduate Program in Performing Arts, in collaboration with Duke University (USA) and North Carolina University (USA). Searching the intimacy of a conversation to better ensure the sharing of experience, this text is written in the form of a letter, and articulates poetic and critically the author's notes during the

event, questions about her experiences as an artist, and a dialogue with reflections on myth woven by the historian Mircea Eliade.

Keywords: Art. Healing. Creativity. Myth. Culture.

RÉSUMÉ: Voici un rapport de la Deuxième Réunion des études in Motion et IV séminaires transculturels sur le théâtre et la danse, sponsorisé par l'Université Fédérale de Bahia et de programme d'études supérieures en arts du spectacle, en collaboration avec l'Université de Duke (États-Unis) et l'Université North Carolina (États-Unis). En recherchant l'intimité d'une conversation afin de mieux assurer le partage d'expérience, ce texte est écrit sous la forme d'une lettre, et articule poétique et critique les notes de l'auteur lors de l'événement, des questions sur ses expériences en tant qu'artiste, et un dialogue avec les réflexions sur le mythe tissé par l'historien Mircea Eliade.

Mots-clés: Art. La guérison. La créativité. Le mythe. De la culture Querida irmã, nas bandas de cá da Bahia, vivemos uma semana do futuro (ou do que acreditamos para o futuro, e que para muitos já é presente). Escrevo-te estas linhas com o imenso desejo que elas ressoem em ti de forma que estejas no profundo caminho de encontrar curas e alegrias para tantos males que têm te afligido ultimamente.² Afinal, estamos aprendendo:

¹ Atriz e co-fundadora do Grupo de Teatro Palhaços Para Sempre, graduada em Artes Cênicas na Escola de Teatro da UFBA e mestra pelo Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas da UFBA, onde desenvolve pesquisa acerca da voz e da criação no espetáculo *Rosário*.

² Para relatar e dialogar com mais intimidade com a experiência da semana em questão, escrevo em formato de carta endereçada para Nina. Ela é minha prima, porém crescemos

ressonância é tudo. Cada coisa que pensamos ou fazemos, vibra e ressoa em nós, nos outros, e no mundo, de forma que o que está em jogo é aprendermos a nos programar para a felicidade.

O acontecimento incomum a que me refiro é o II Encontro de Estudos em Movimento: Criatividade, Ser e Cura, e o IV Seminários Transculturais sobre Teatro e Dança, idealizado pela prof^a Dr^a e dançarina, Ciane Fernandes³, e promovido pela Universidade Federal da Bahia, em colaboração com a Duke University (EUA) e a North Carolina University (EUA). Este encontro, perfeitamente intitulado “Criatividade, Ser e Cura”, ocorreu no âmbito do Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas da UFBA, de 3 a 8 de outubro de 2011, na cidade de Salvador.

O sentimento nestes dias é de ter formado uma grande família, graças ao formato, também pouco comum, de dispor todos os palestrantes presentes em todas as atividades, assistindo-se uns aos outros, compartilhando experiências e conversando com os participantes inscritos. O tom de proximidade harmônica, somado às temáticas abordadas, instauraram um clima muito afetuoso, entre os conferencistas, participantes, produtores e organização do evento. Para prosseguir nesta sintonia, me referirei a eles com o nome que os chamávamos, apresentando-os em nota, para que você faça sua própria pesquisa futuramente.

Relato o transmitido esses dias, refletindo sobre o que vivi e anotei durante as aulas ministradas, e ainda, dialogando com o historiador romeno Mircea Eliade. Este autor de inúmeros livros, que

como irmãs. Nina nasceu em Salvador, mas reside há alguns anos em Brasília, onde estuda para se tornar diplomata no Ministério das Relações Exteriores do Brasil.

³ Performer e coreógrafa, professora da Escola de Teatro e do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia, graduada em enfermagem, licenciada em artes plásticas e especialista em saúde mental (arteterapia) pela Universidade de Brasília; mestre e Ph.D em Artes & Humanidades para Intérpretes das Artes Cênicas, pela New York University, Analista de Movimento pelo Laban/Bartenieff Institute of Movement Studies, de onde é pesquisadora associada, e pós-doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela UFBA.

abordam temas referentes ao mito, ao sagrado, e à religião, provoca uma instigante reflexão sobre a relação do mito com a realidade, e critica a desmistificação do sagrado. No campo de suas reflexões, o sagrado é uma estrutura da consciência humana, e a cura aparece associada a esta dimensão e ao poder do mito. A meu ver, sua extensa pesquisa sobre os mitos transmite uma clara sensação de que o ser humano atravessou os tempos sempre em busca de cura.

Convocação

Sob os aspectos aqui tratados, não há como separar arte de espiritualidade, nem excluir esta dimensão sutil de nossas vidas. Se há separação é porque houve fragmentação dos aspectos espirituais, emocionais, físicos, mentais, sociais e ambientais, que integram a esfera do ser. Retomar a integração destes sentidos, independente de religião, é uma pista para a cura. Richenel Muz Ansano⁴, um dos palestrantes do evento, que compartilho com você, nos contou que antigamente, os xamãs de certa tribo diziam que às vezes alguém saía da comunidade para a cidade, e voltava perturbado. Eles explicavam que isto acontecia porque havia uma perda de identidade e que, quando isso acontecia, a alma ficava em pedaços. O que acontece conosco, seres da atualidade, é que migramos para fora de nós, perdemos o sentido de pertencimento a uma cultura e comunidade, tivemos nossas raízes arran-

⁴ Richenel Muz Ansano é antropólogo cultural, diretor do Instituto de Gerenciamento da Memória Antropológica e Arqueológica de Curaçao, sua terra natal. Trabalha com narrativa e práticas de cura espiritual que ressoam com a teoria e prática da psicologia transpessoal, e de culturas indígenas, as quais entendem doença como uma experiência coletiva e transhumana. Foi Diretor de Pesquisa Cultural, Assessor de Políticas e Diretor do Ministério da Cultura de Curaçao. Nos Estados Unidos foi Diretor Adjunto do John Hope Franklin Humanities Institute (Duke University, Carolina do Norte), Diretor Executivo da Global Medicine Education Foundation na qual desenvolveu programas de educação em medicina alternativa para profissionais da área de saúde. É membro fundador do ReVisioning Medicine Council, uma organização independente cujo objetivo é reunir médicos e outros profissionais em medicina convencional e alternativa, para explorar a abordagem de colaboração para a saúde individual e coletiva.



cadadas e ficamos perdidos. Percebo, que quando um evento como este nos toca tão profundamente, revela nosso desejo de retorno a um lugar de origem, pessoal e longínquo. Se estivermos incomodados, nossa ação deve ser no sentido de juntar esses pedaços. E que pedaços são esses? Identificá-los é justamente parte do caminho. Podemos vislumbrar estes fragmentos perdidos através de uma diversidade de fazeres e saberes, *avançadas tecnologias*, que, por sorte, passamos alguns dias, no encontro, estabelecendo contato. O esforço desta carta é no sentido de compartilhar com você conhecimentos e práticas de forma que possa colocar sua cura diariamente em ação. Uma ação ativa que integra todo o seu ser em todas as suas dimensões. Então, vamos trabalhar?

A questão é: como nos mantemos *preservados em pleno corpo físico, em todo sólido, todo gás e todo líquido, em átomos, palavras, alma, cor, em gesto, em cheiro, em sombra, em luz, em som magnífico* neste mundo que beira o caos e em nossa batalha diária?⁵ Por que perdemos contato com um saber inato de preservação? Por que nossa criatividade, que é um poder, está atrofiada de tanto desuso? Por que nosso ofício, com que nos ocupamos diariamente, não tem sido nossa cura? Por que estamos tão doentes? O que significa cura num contexto amplo? Estamos doentes? Infelizmente, sim. As correntes do senso comum, em que somos educados basicamente para termos um bom emprego, ganhar dinheiro e sermos competitivos e vencedores, têm determinado nossas reações frente aos outros e ao mundo, e vêm minando nossa energia de vida pouco a pouco. Momentos como os que vivemos durante esta semana – em que nos religamos, rezamos, meditamos, dançamos, fizemos círculos, pintamos nossos corpos, escrevemos, lembramos nossa origem – correspondem a colocar o nariz fora d’água para respirar. Correspondem a dar um passo atrás e ir em direção ao mundo, a partir de uma conexão com nós mesmos e nossos mais altos potenciais. “Durante milênios, o homem trabalhou ritualmente e pensou miticamente nas analogias entre o macrocosmo e

o microcosmo. Era uma das possibilidades de se “abrir para o Mundo e de participar assim da sacralidade do cosmo” (ELIADE, 1994, p. 121). Parece que a continuidade deste comportamento humano foi bloqueada, nossa visão de mundo se restringiu aos séculos da história em que a mente se separou do corpo, e no mais, tudo tem sido afogamento. Você não tem às vezes a sensação de estar sendo afogada pelo mundo que corre denso e veloz? Pois pegue já sua canoa e navegue agora comigo nestas reflexões ativas. Espero que até o fim desta carta você possa ter um vislumbre da INTEGRAÇÃO⁶ de seus fragmentos perdidos.

Ter os pés em nosso chão e voar para outros territórios

Em uma das palestras ocorridas no encontro, intitulada “Cultura, Origem e Migração”, Muz nos levou a observar que o sentido de origem é sempre associado a uma dimensão mística, mítica e política. Místico porque tem relação com o espaço que nos dá significado. Mítico referente ao aspecto histórico. Político referente ao aspecto relacional entre grupos. Mas é justamente colocando origem e migração juntas, que Muz conclui que, naturalmente, falamos de cultura: cultura como a forma como interagimos com o ambiente, com o outro, como damos significado e aprendemos a estar no mundo de forma enraizada. Dessa forma, de acordo com minhas reflexões acerca da palestra, pensando origem como pertencimento (espaço que nos dá significado), história (relação com os ancestrais), e rede de relações que nos constituíram, percebo a cultura como nosso chão e nossa conexão conosco. A migração, cada vez mais inevitável, é um dos pilares da mundialização. Às vezes, a migração é uma violência e seus desdobramentos são dolorosos. Mas precisamos aprender essa dança para estar no mundo. Se migrarmos com os pés neste chão, aumentamos nossas possibilidades de voar. Mas sei do quanto às vezes é difícil lembrar – digo lembrar na pele – qual é nossa cultura, aquela que nos guia e

⁵ A música “Um Índio” de autoria de Caetano Veloso permeará o texto. Seus versos aparecerão em itálico ao longo deste.

⁶ Algumas palavras e sentidos que ecoaram e chamaram a minha atenção durante as atividades do evento estarão dispostas em caixa alta.

nos diz respeito? Parece algo tão longe e fragmentado, não é Nina? Por esta consequência perigosa, representada pela fragmentação, os narradores de mito “evocam com veneração o ‘começo’, isto é, o momento em que se formaram os princípios da própria cultura, e que é preciso preservar como o mais valioso dos bens” (ELIADE, 1994, p. 36). Daí a importância da ORIGEM. De ter um chão onde temos raízes. Não é fácil. Pare e pense, Nina, qual é seu chão? Onde/quando teus pés se encontram em harmonia com a vibração da terra, cantando a mesma canção?

No Brasil, existe o conceito de doença de migração, continua Muz, com sua forma poética e histórica de falar. É uma doença de quando sua identidade é negada, pois quando há fragmentação de seus mitos, seu mundo se despedaça. Quando isso acontece, os xamãs dizem que a alma se quebra. E quando parte de sua alma voa para longe, você fica perdido. Lembra-se da história? Portanto, parte do trabalho da arte, da cura, do trabalho de se sentir presente na natureza é juntar, trazer estes pedaços, conclui Muz, afirmando que por isso temos que ser rigorosos, pois não há como fazer esse movimento, sem considerar o político, entrar no movimento da cura, sem considerar o que está em volta. “Se quando estou dançando só penso na minha linguagem de dança, é um erro, porque não estou me comunicando com o espírito de mudança”. Uma pista: ele colocou arte e cura quase como sinônimo de “trabalho de se sentir presente na natureza”, percebe?

Esta *amizade* com a natureza é justamente uma característica do pensamento mítico. Mircea Eliade nos esclarece que um mito descreve como algo foi produzido através da manifestação do sagrado no mundo, e que, ele foi, ou é algo vivo em algumas sociedades, no sentido de que fornece os modelos para a conduta humana, conferindo, por isso mesmo, valor e significação à existência. “A principal função do mito consiste em revelar os modelos exemplares de todos os ritos e atividades humanas significativas: tanto a alimentação ou o casamento, quanto o trabalho, a educação, a arte ou a sabedoria.” (1994, p. 13). “[...] O mito é considerado uma história sagrada e, portanto, uma “história verdadeira”, porque sempre se refere a realidades” (1994, p. 12). “O mito lhe ensina as “histórias” primor-

diais que o constituíram existencialmente, e tudo o que se relaciona com a sua existência e com o seu próprio modo de existir no Cosmo o afeta diretamente” (1994, p. 16). “[...] é um ingrediente vital da civilização humana; longe de ser uma fabulação vã, ele é ao contrário, uma realidade viva, à qual se recorre incessantemente; não é absolutamente uma teoria abstrata ou uma fantasia artística, mas uma verdadeira codificação da religião primitiva e da sabedoria prática” (1994, p. 23). Não é estranho que à medida que estes sentidos se esfacelam perdemos a capacidade de conduzir nossa alimentação, nossa educação, nosso ofício e nossa cura.

A prof^a Dr^a e economista Maria da Conceição Pereira Ramos⁷ nos trouxe, num esforço interdisciplinar, informações preciosas, compartilhando resultados de suas pesquisas sobre as diásporas e deslocamentos culturais. Ela colocou um dado da ONU que chama a atenção para as mulheres, como agentes de mudança cultural. Ou seja, as mulheres estão movendo a migração. Segundo a professora, há uma grande porcentagem de mulheres, com alta qualidade profissional, cuja participação é significativa em países estrangeiros. Na exposição, a professora ressaltou, justamente, a língua e a cultura como fatores de aproximação e de negócios. Provavelmente, você está entre essas mulheres, Nina. Em breve, como diplomata, você representará o Brasil, mundo afora, e deverá conduzir questões de guerra e de paz, questões de cultura e identidade, portanto, questões ligadas a relações e curas nacionais. Esta profissão é uma boa forma de observar nossos ofícios sob o aspecto de fazeres que envolvem cura e relação. Para tanto, para fazer estes movimentos migratórios, mais que nunca, é importante que se coloque, sob estas percepções, mantendo

⁷ Autora de numerosas publicações em várias línguas, abordando as migrações, cultura, cidadania, educação, formação e emprego. Professora da Universidade do Porto – Faculdade de Economia (FEP) (Portugal). Doutorada em Ciência Econômica pela Universidade de Paris I – Sorbonne (França). Investigadora do Centro de Estudos das Migrações e Relações Interculturais (CEMRI) – UAb (Portugal). Consultora da OCDE (Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico – organização internacional de 34 países que aceitam os princípios da democracia representativa e da economia de livre mercado) e do Conselho da Europa na área das migrações internacionais.



contato com sua origem e sua cultura, como quem finca o pé em si mesmo para impulsionar o voo. Reforçando a reflexão, Muz atenta para a defesa de um sentido de identidade, e, ao mesmo tempo, de transformar o que precisa ser transformado na identidade. Compartilho destas ideias, percebendo que as fronteiras são porosas, o que significa lidar com a consciência de que estamos permeáveis para outras culturas, e, como vimos, este pode ser um movimento saudável e frutífero.

Voltar atrás

Refletindo sobre outros pontos de vista, Ava Vinesett⁸ finalizou a conferência “Cultura, Origem e Migração”, expondo a dialética de sua experiência como dançarina e coreógrafa americana, que tomou a responsabilidade de transmitir saberes e fazeres africanos. Ela afirmou ter voltado aos princípios, quando o desejo do seu corpo de se comunicar com culturas antigas, que aparentemente eram estranhas a ela, fez com que estabelecesse uma conexão com um passado distante. Odomo (um dos tambores utilizados em práticas africanas), disse ela, “destrancou uma série de emoções e mostrou o caminho que devia seguir”. Esta experiência foi enfatizada para explicar a relação com a percussão que está sendo tocada, e como os sons operam uma transformação imediata no corpo. Segundo ela, operam mudanças emocionais ou físicas. Cada som é único e produz um efeito específico. “Eu adorei esse sentimento”, disse ela, descrevendo as primeiras sensações de corpo arrepiado e coração acelerado que decorreram dos encontros com estas paixões culturais. “Naquele momento eu soube qual ia ser meu caminho”. Este sentimento de *estar entre* e de se sentir responsável em transmitir esse legado significou para ela criar uma nova origem.

Nós conhecemos bem este sentimento quando *corremos chão* para encontrar expressões genuínas de nossa terra, não é irmã? Estes fortes reencontros culturais, quando acontecem, são influências decisivas em nossas vidas. Justamente por nos alimentar

com esta clara sensação de origem – tão necessária como vimos –, estes acontecimentos extraordinários nos impelem a realizações. Foi o caso da criação de *Rosário*⁹, cujo processo me impulsionou a criar, partindo do pensamento mítico. Os mitos, segundo Eliade, nos oferecem uma explicação do mundo e de nosso próprio modo de existir no mundo. Este conhecimento é acompanhado de um poder mágico, afinal “conhecer os mitos é aprender o segredo da origem das coisas” (1994, p. 18). Para criar o espetáculo, em consonância com minhas origens culturais, empreendi uma jornada para descobrir meus mitos pessoais. Vejo, neste retornar mágico à origem, a capacidade de adquirir poder sobre nossa vida, direcionando-a com mais plenitude. É instigante pensar esta ideia de retorno em outros âmbitos. Sem a intenção de comparar a psicanálise com as crenças e técnicas “primitivas” ou orientais, Mircea Eliade procura mostrar “que esse ‘voltar atrás’”, cuja importância para a compreensão do homem e, sobretudo, para a sua cura, foi percebida por Freud, já era praticado nas culturas extra-européias. [...] A Ioga e o Budismo lá [na Índia] desenvolveram, num grau desconhecido em outras partes, certas práticas psicofisiológicas de ‘voltar atrás’. [...] o retorno individual à origem é concebido como uma possibilidade de renovar e regenerar a existência daquele que a empreende” (1994, p. 74-79). Na experiência citada, refiz este caminho através da criação de um espetáculo que surge de chamados ancestrais. Mas são inúmeras e bastante pessoais as formas de estabelecer este contato e integrá-lo a sua vida. Nina, sugiro que reflita em como encontrar o seu jeito de fazer isso, começando por não perder de vista o que ama fazer.

Vamos adorar

Ava contou ter ministrado em sua cidade nos Estados Unidos, um workshop chamado “Adorar”, afirmando categoricamente não separar arte de espiritualidade. É muito bonito isso. Sabemos que adorar, louvar, significa exaltar, enaltecer as quali-

⁸ Ava Vinesett é Professora Associada na Duke University, especializada/especialista em formas de dança da África Ocidental e da Diáspora Africana, e fundadora e diretora do Duke African Repertory Ensemble.

⁹ Espetáculo solo criado a partir de alguns anos de pesquisas no âmbito da arte do ator e de manifestações populares brasileiras. *Rosário* estreou no dia 20 de novembro de 2009, no Teatro do ICBA, em Salvador/BA.



dades de alguém ou de valores, ao passo que trazemos a possibilidade destes valores florescerem em nós. Creio que esta é a base curativa da religião com o SAGRADO, e que esta é uma relação que pode ser estabelecida em nosso ofício: a possibilidade de fortalecer em nós o que queremos para nosso caminho e nos orienta para a cura. Em Rosário, busquei trazer a voz de mulheres que enfrentaram a doença da perversão e violência do mundo, reinventando-se a partir de um contato com o sagrado. Para Ava, neste contexto, oração é uma forma de se comunicar com o divino, e como não há separação destas dimensões, na arte, ela coloca a oração como uma oferenda multifacetada que é manifestada através da música, da dança, e das plantas. Através disso ativamos o axé; ritmos e danças são portais para o reino do sobrenatural, afirma ela. Percebo que nestas dimensões se situam um *sentimento de casa*; este é um sentimento raro, encontrado em preces e rituais, em momentos profundos em arte, ou quando conseguimos, em silêncio e em paz, estar em contato conosco. Em *Rosário*, enquanto danço com o corpo e com a voz, é como se fizesse uma oração que toca essa cura coletiva. E eu te pergunto irmã, como você estabelece contato com as dimensões que lembram você mesmo, que te fazem retornar a sua *casa*? Quais são os seus portais? Como você abre passagens para seus mundos numinosos? Como você ativa sua memória e ancestralidade? Como fazer das suas atividades uma oração, Nina? O que você tem adorado ultimamente? Este remédio-sentimento está presente no seu coração?

Dançar é fundamental

Entendendo estas reflexões como pensamentos sobre a cura (e pensamentos que curam), Ava falou do significado, para ela, da dança, afirmando que os sintomas físicos, que se manifestam em nosso corpo, chamam a atenção para a restauração do equilíbrio. No contexto de seu trabalho, a dança invoca um estado afinado com o ser, e por isso, é um instrumento poderoso de operar mudança em nós, por estabelecer uma conexão entre o desejo e o estado de ser. Nesta relação reside o poder da dança em transformar o espaço e afirmar suas convicções. Quando dançamos juntos, acontece uma transfe-

rência de informação de um corpo para outro, e este é um acontecimento poderoso e transformador. Por conta do benefício trazido por esse poder, é tão importante trazer à tona significados múltiplos da tradição e dos dias atuais, finaliza ela. Dias antes desta conferência, Ava ministrou uma aula intitulada “A invocação da crença: representações dançadas de afirmações espirituais”, trazendo para a prática todas estas reflexões. Foi uma ocasião bonita, de união dos participantes e palestrantes do evento, onde fortalecemos nossas afirmações através do movimento. Você iria adorar, Nina! Lembrei-me das vezes que dançamos juntas, reafirmando a vida. De minha parte, confesso minha surpresa, de estar limitada fisicamente, devido a uma forte crise na coluna lombar, e ter dado vários passos em direção à cura, dançando. Apenas dançando, Nina. E isto é, apenas um pequeno vislumbre da nossa força libertadora de grilhões, bloqueios e inflamações. Os bloqueios com os quais nos deparamos muitas vezes têm origem na nossa infância, e cabe a nós destrinchar essa história. São as possibilidades que temos agora. Mircea Eliade, expondo razões pelas quais o inconsciente apresenta a estrutura de uma mitologia privada, afirma que “o único contato real do homem moderno com a sacralidade cósmica é efetuado pelo inconsciente, quer se trate de seus sonhos e de sua vida imaginária, quer das criações que surgem do inconsciente (poesia, jogos, espetáculos, etc.)” (1994, p. 73). Ficamos mais confortáveis na zona do pensamento intelectual, mas a dança e outras formas de investigação pessoal nos colocam em contato com este inconsciente regenerador. Na aula de Ava, passamos pelas etapas de criar e dançar nossas afirmações, e, dessa forma, saímos transformados. Acolher o movimento. Parar, estanca, estagna a energia, adoece. A ideia é não bloquear e permitir-se familiarizar com um mundo desconhecido e poderoso que há em nós.

Identificar os bloqueios energéticos é necessário e libertador. Este movimento pode ser feito pensando que “o paradoxo não é um conflito com a realidade, é um conflito entre seus sentimentos e o que a realidade deve ser.” Esta citação, trazida por Jack, resume todo esse conflito de danças, blo-



queios e curas.¹⁰ Ela ministrou duas aulas, intituladas: “Mudança de percepção: recentes descobertas científicas quanto à anatomia humana” e “Entre ciência e experiência: A percepção da energia no e através do corpo”. Foram aulas com informações científicas acerca do que estamos falando nestas linhas. Fiquei maravilhada ao entender o que é a fascia, uma espécie de malha que recobre os músculos e faz com que o corpo inteiro se interligue, e, a meu ver, explica o poder curativo da dança; através da fascia, há uma transmissão de comunicação no corpo. Se uma parte é afetada, afeta todo o sistema, para o bem ou para o mal. Os meridianos tocados na acupuntura estão na fascia. Ela mantém o corpo integrado, livre para o fluxo de sinais. E está aí um dos motivos para se beber muita água. Manter a fascia hidratada facilita esse fluxo, que, no geral, está sempre sendo bloqueado, seja pelo que comemos, pelo que não nos alongamos, pelos traumas psíquicos e físicos, pela fragmentação a que submetemos o corpomente. Suas aulas foram teóricas e práticas, e esta foi uma característica de quase todas as atividades do evento. Assim, desta forma, pudemos identificar esse mover do corpo, a partir da fascia. Fiquei tão perplexa com essa descoberta quanto com minha ignorância com relação à anatomia. Fiquei refletindo o que significa a maioria dos seres humanos que estudaram, se formaram em algo, e estão no mercado de trabalho, mas não têm conhecimentos aprofundados do funcionamento do corpo, enquanto ossos, músculos, líquidos e energia. É tão vital que todo ser humano, de qualquer área, entenda seus sistemas psicofísicos e seus mecanismos de funcionamento, que quase entendo essa falha na educação geral como uma sabotagem dos que querem governar para impedir que sejamos seres conscientes, saudáveis e livres. Reich morreu na prisão depois de uma vida dedi-

cada a denunciar este golpe.¹¹

A dança está em tudo, porque tudo é uma dança de energias. Cada átomo está em movimento. As células trabalham sem parar. Perceber, um pouco que seja este movimento, esta vibração presente, que faz a vida fluir muito mais naturalmente, significa dançar junto com o universo e também se deixar ser dançado. Isso significa não enlouquecer, quando as coisas dão errado, não criar bloqueios, não se desesperar, não criar doenças, lidar com as violências a que somos expostos diariamente. Apenas perceber e permanecer em estado de dança. Respirar. Respirar. Respirar muito. Este estado faz-nos perceber o mundo dentro e fora de nós, faz-nos ler a vida através da vida, faz-nos determinar o futuro, acorda enfim a intuição, que nada mais é que uma visão ampliada fruto desse grande alinhamento e ORGANIZAÇÃO.

Esta percepção do movimento, presente em todas as formas, visíveis e invisíveis, me faz pensar na dança Butô, que, segundo Tadashi Endo, traz o princípio: “não dançar, mas ser dançado”. Meu contato com o Butô deu-se através desse mestre, em um *workshop* em 2006, na cidade do Rio de Janeiro.¹² Nesta ocasião, ele usou como exemplo de “ser dançado”, um de seus últimos encontros com seu mestre, Kazuo Ohno. Ao chegar à sua casa, encontrou o ancião dançarino, acororado, de costas, mexendo nas flores do jardim. Tadashi disse que “suas costas estavam como uma flor”. E que neste “falar com a flor”, ele estava “sendo a flor”. Esta sensação de fusão com as coisas é o que me atrai no Butô. A capacidade de um estado que dança com o movimento que há em tudo, que capta o movimento das coisas através do encontro de uma zona de proximidade com elas; o ponto é justa-

¹⁰ Jackie Handie é graduada em Dança pela Ohio State University e mestre em Estudos Interdisciplinares (Dança e História da Arte) pela University of Oregon; é Analista Certificada de Movimento Laban, Terapeuta/Educadora Registrada de Movimento Somático, Terapeuta CranioSacral e Terapeuta Certificada em Massagem do Tecido Conjuntivo. Tem uma clínica particular de Reeducação de Movimento, Terapias do Tecido Conjuntivo e CranioSacral.

¹¹ O psicanalista austríaco Wilhelm Reich (1897-1957), chamado de “pai das psicoterapias corporais”, é considerado por muitos como o maior revolucionário da psicologia do século XX. A sua contribuição foi provar que a neurose é produzida socialmente, instalando-se em todo o corpo e não apenas na mente das pessoas. O seu conceito de couraça neuromuscular do caráter mostra como a neurose se dá através da estagnação da energia vital.

¹² Tadashi Endo é bailarino, coreógrafo e mestre de Butoh Ma, diretor do Mamu Butoh-Center e do Butoh-Mamu Festival, discípulo de Kazuo Ohno e Tatsumi Hijikata, criadores desta dança.

mente esta ausência de fronteiras. Sentir todos os átomos em movimento e em troca com a atmosfera, sem separação. Um estado de organicidade e escuta de nossos impulsos vivos. Experimentamos, dessa forma, o aflorar das emoções e das memórias. Elas fluem por esse espaço que somos nós. É uma sabedoria se deixar guiar por este estado. Ajuda a viver, minha irmã. Geralmente, bloqueamos essa fluidez e deixamos de perceber a fragilidade das fronteiras, esta respiração do universo, e isto nos traz problemas. Tadashi, em uma de suas demonstrações, afirmou que temos muitos sinais de infinitos no corpo, e que este é o início da forma de energia. E se não movemos estes sinais? Bloqueamos, congelamos, ficamos estagnados, separados do universo, enquanto ele (o universo) não para de se mover. Talvez por isso ele tenha afirmado tão desesperado: “Se você se sente feliz, você não precisa dançar. Mas se você se sente muito mal, por favor, dance!” Dance Nina, dance. Não importa se você é uma advogada ou uma diplomata, dance!

No encontro, aconteceram momentos belíssimos, em que dançamos coletivamente as “Danças da Paz Universal”, que foram focalizadas pela Márcia Virgínia Araújo.¹³ A dança da paz, das energias, dos círculos, da troca: movimentos simples e sutis que rapidamente nos puseram em união, em uma vibração amorosa, apaziguada e comum.

A dança de cura dos sons

Um belíssimo e instigante trabalho, que aborda os sons e os cantos como ressonâncias de cura, nos foi apresentado por AwaHoshi Kavan, na aula: “Cura pelo som: Sinos de cristal de silício e Ressonância corporal”.¹⁴ Parece absurdo como produzir

¹³ Márcia Virgínia Araújo é professora e coordenadora do curso de Licenciatura em Dança da UFPE, desde 2009. Tem formação em Artes Cênicas (UFPE), mestrado em Antropologia Cultural (UFPE) e doutorado em Artes Cênicas (UFBA). Desenvolveu uma metodologia de ensino de dança baseada na ritualidade, com ênfase na dança-coral, nas danças circulares e nas danças da paz universal, consideradas como danças-músicas-orações. Participa da formação para certificação como Líder de Danças da Paz Universal da PeaceWorks International Network for the Dances of Universal Peace, com a supervisão de ANAHATA IRADAH (EUA).

¹⁴ Awahoshi Kavan é uma pioneira do som de cristal. Ela de-

SOM com vasos de cristal tem um efeito poderoso sobre nosso corpo. Ela nos mostrou essa maravilha, após explicar este processo de forma científica, que o som puro produzido pelos cristais alcança uma região profunda do cérebro, que é responsável pela cura. Eu constatei realmente a mudança de meu estado físico através da vibração destes sons. Mas, antes da ciência legitimar essa sabedoria, os índios já usavam este remédio há muito tempo. Awahoshi nos contou sobre a tradição dos índios apaches norte-americanos que acreditam que as vogais são deusas. Para eles, o som das vogais são sons sagrados e cada uma tem uma função na comunidade: a vogal “I” está relacionada à elevação, a trazer a consciência. “U” refere-se ao cuidado, cuidar. “E” está ligado à função de relação e à comunicação na tribo. “A” tem a função da clareza, energia pura; a vogal “O” está associada a criar base para a criatividade, a fundação. Estes são ensinamentos de uma tribo e para eles nosso nome é nosso remédio. Ou seja, cantar as vogais ocasiona uma vibração destas qualidades de elevação da consciência, cuidado, comunicação, clareza, criatividade. Cantar as vogais de nosso nome é uma prática de cura. AwaHoshi explicou que quando você canta seu nome, você começa a dançar o seu nome. Segundo ela, os índios apaches norte-americanos dançam em círculo, dois passos para frente e um para trás, ou um passo para frente e dois para trás, como na vida é. Fizemos a experiência de cantar as vogais do nosso nome dançando em círculo. Cada um com sua canção instaurou uma multiplicidade de sons em harmonia. Esta experiência reafirmou a minha percepção, ao longo de anos pesquisando a voz: a vibração dos sons das vogais é tão forte que é capaz de dissolver tensões e até bloqueios mais profundos.

De forma semelhante, AwaHoshi explicou que, na tradição do Jainismo – religião que floresceu na Índia, antes do hinduísmo e do budismo –, acreditava-se que nós ficávamos doentes porque não tínhamos todas as cores dentro de nós. Dizia que conseguíamos isso através do canto, pois cada can-

envolveu o uso de sinos de cristal de silício, como fórmulas dinâmicas de ativação vital, para saúde e crescimento espiritual personalizado. Seu programa revela o uso eficaz de tons harmônicos puros, como uma forma de medicina vibracional.



to ativa uma cor que move uma parte do corpo. Explicava que a boca e a fala concentram um grande poder, o que, segundo a exposição da conferencista, justifica a sabedoria da poderosa ciência dos sons dos mantras.

Geralmente a função de alguns cantos é reviver um mito e isto reitera a função medicinal deste ato. De que forma? “A maioria desses cantos rituais de fins terapêuticos começa por evocar a cosmogonia” (ELIADE, 1994, p. 30). Eles são medicinais, no sentido de atualizar, trazer para o presente, o sentido de origem invocado pelo mito. São rituais terapêuticos nos quais “o doente mergulha na plenitude primordial; deixa-se penetrar pelas forças gigantescas que, *in illo tempore*, tornaram possível a criação” (ELIADE, 1994, p. 29).

Para mim, cantar significa dançar, porque cantar significa respirar. E respirando ativamos esta ponte que conecta o movimento de nossos átomos com o movimento da atmosfera. Produzir sons, melódica e ritmicamente, move ventos, move afetos, e expande as vibrações do som nos espaços internos do corpo, nos levando, assim, para além dele. Cantar o som pelo qual você é chamado desde o nascimento, segundo os índios, é uma prática de cura porque faz vibrar seu acorde pessoal e faz uma espécie de movimento de retorno à origem. Então Nina, cante! Cante seu nome, cante uma canção.

Medicina Complementar e Alternativa

A demonstração de Vera Moura de suas pesquisas realizadas na Universidade da Carolina do Norte, fez-me sonhar com outra possibilidade de medicina.¹⁵ Somando-se a todas as práticas apresentadas no encontro, o que presenciamos estes dias foi uma coleção de fazeres e saberes *mais*

¹⁵ Vera Moura é psiquiatra e psicanalista, com mais de 20 anos de prática em psiquiatria clínica no Brasil, antes de imigrar para os Estados Unidos, em 1990. Trabalhou na University of Michigan, Medical School (1995-2006), e completou o Programa de Certificação Profissional em Mind-Body Medicine, oferecido pelo Center for Mind-Body Medicine, em Washington DC. Atualmente, é docente do departamento de Medicina Física e Reabilitação da Universidade da Carolina, em Chapel Hill, e especialista em diversos métodos de cura derivados de culturas indígenas, incluindo Andina (quíchua), afro-brasileira e indígena-americana.

avançados que a mais avançada das mais avançadas das tecnologias, e que, comprovados cientificamente, se tornam caminhos irrefutáveis para o nosso modo denso de reconhecer certas coisas sutis. A conferência “Medicina Integrativa: A cura do corpo, mente e espírito” foi apresentada por Vera Moura e Muz Ansano. Inicialmente, Vera expôs o que significam estas pesquisas e este movimento, cuja bandeira tem sido agitada por Andrew Weil, nos EUA. Ele tem dado cursos e formações de MCA (Medicina Complementar e Alternativa), difundindo uma nova forma de lidar com a cura, uma forma... integrativa! Na MCA, o paciente está no centro e ao seu redor estão os aspectos a serem considerados no tratamento: o emocional, o físico, o espiritual, o mental, o social, o ambiental. É claro como água que todas estas dimensões atuam na saúde e na doença de um indivíduo, e que, portanto, para ir em direção à cura, todos eles devem ser considerados igual e seriamente. Mas sabemos que não é assim. Os olhos, em geral, não estão aptos para ver além da matéria. E falando em olhos, o ponto tido como primordial neste tipo de abordagem é o que Vera chamou de *self care*, ou seja, a autocura. Sim, é também muito claro. Mas desaprendemos. O certo é que nós mesmos tenhamos a percepção e o autoconhecimento aflorados o suficiente para perceber os desequilíbrios e onde está a cura. Isso parece distante, Nina, mas é bastante acessível com um pouquinho de boa vontade. Vera enfatizou que a cura está diretamente conectada com melhorar a capacidade de se autoconhecer e se autocuidar, e que isto, mais uma vez, significa poder, é um empoderamento pessoal. Por que será que não lançamos mão deste poder? Por que queremos continuar nos conhecendo tão pouco? Por que não tomamos para nós a responsabilidade sobre nós mesmos? Por que está tão difícil ativar nosso *self care*? Por que é mais fácil estar falsamente protegido pelo senso comum ou por que nos dá medo? Para você ter uma ideia, querida, nesta medicina, além das terapias alternativas que conhecemos (homeopatia, naturopatia, fitoterapia, acupuntura, alimentação), são considerados como “remédios”, práticas como escrever um diário, desenhar, praticar Ioga, dançar, fazer preces, meditar. Em último caso, remédios alopáticos e cirurgias também são considerados. Vera trouxe várias imagens de exemplos de como



reage o sistema nervoso em situações de estresse (é assustadora a devastação!), e de estudos científicos do efeito irrefutável da meditação em pacientes com problemas gastrointestinais e pré-diabetes. O poder da meditação no cérebro, e por consequência em todo o nosso sistema, não é nenhuma novidade, você diria. A própria palestrante afirmou as incontáveis pesquisas que vêm sendo feitas há muitos anos nessa área, porém a aceitação é em menor intensidade. A questão é novamente: por quê? Por que temos tanta dificuldade em acreditar e fazer uso destes “remédios” que não vão nos devastar (como as bombas químicas) e vão nos curar mais profundamente? Novamente, medo. Medo de encarar transformações significativas em nossa vida. E também preguiça. Você há de concordar que é muito menos trabalhoso tomar um comprimido para dor de cabeça que reunir todas as forças do seu ser para se concentrar em dissolvê-la. Mesmo já tendo tido a experiência de que isto é possível. Lembro-me de quando era adolescente e meu pai curava minhas recorrentes dores de cabeça com as suas mãos. Esta semana acordei com forte enxaqueca e, ao fazer uma meditação, a dor desapareceu. Mas a familiaridade com outros métodos mais superficiais e agressivos é tão grande, que nunca estamos muito convencidos destas outras possibilidades. Se convencer e fazer escolhas faz parte do trabalho também.

Imagine que, em sua extensa pesquisa sobre o mito, Eliade (1994) revela que é muito difundida a ideia de que um remédio não age, a menos que sua origem seja conhecida. É a mesma relação de um ritual que não pode ser realizado, sem que se conheça sua origem, pois é o mito que narra como ele foi efetuado pela primeira vez, e isto confere força à prática. Ou seja, primordialmente, esta relação entre mito e origem nos ancora. Ou, melhor, nos ancorava no passado. Estar conectado com os nossos mitos nos reintegra a um valor de origem; além do tempo cronológico, nos renova em um tempo sagrado. A cura e o ato de utilizar um remédio tornam-se efetivos por estarem contidos nesta CONEXÃO.

Outros remédios

Pausa para uma prática e passamos a outras palavras. Quero te ensinar este “remédio”. Vera o

chama de “*Shaking*”. Não precisa de muito espaço, você pode realizá-lo na sua minúscula sala, entre os milhões de livros que você têm tido que devorar. Saia da sua escrivania. Fique em pé. Feche os olhos. Respire. Enraíze seus pés firmemente no chão. Comece a balançar o corpo partindo das pernas. Acelere. Não tire os pés do chão! Mais um pouco e... Pare! Continue com os olhos fechados e se deixe ser guiada. Deixe os movimentos acontecerem por algum tempo. Percebeu como seu sangue-energia estava ansioso por circular? Tome este “remédio” uma vez por dia.

Muz, então, continua a aula. De um modo diferente do que havia programado, pois estávamos *sacudidos* com o “Shaking” de Vera. Aproveitando este ponto (em que uma nova situação alterou sua programação), colocou que a cura e a transformação têm a ver com estar presente. Muito sério e calmo, ele afirmou: “temos a capacidade de nos curar. Já tivemos isso antes.” E continuou refletindo que acionar nossos dispositivos de cura passa por perceber a energia presente em tudo e se movendo (dançar). Aumentar nossa percepção para ir além. Quando conseguimos sair do senso comum é quando conseguimos criar algo novo em nossa vida, disse. Penso que sair do senso comum é ter coragem. Coragem de descobrir quem somos e encarar nossas infinitudes. Muz propôs duas práticas bem simples para treinarmos nossa percepção. Simples e poderosas. São exemplos de uma infinidade de caminhos de empoderamento e cura que podemos encontrar, irmã.

Primeiro, ele pediu para movermos os braços, e depois de um tempo parar, e sentir a energia em movimento nas mãos (tem poder aí). Depois de perceber, colocar as mãos na cabeça e deixar fluir a energia pelo/atraves do corpo. Parece simples demais, mas se você realmente se concentra, ativa a energia de suas mãos, e foca em onde seu corpo precisa, a energia vai se direcionar e seguir na organização desta parte. Surpresa: reiki e cura com as mãos não é só para escolhidos! Mas, novamente, este caminho passa por autoconhecimento, por sair do senso comum, pela capacidade de se curar, por melhorar a percepção e a concentração, por estar aberto para se transformar (aceitar o movimento), e envolve abandonar a preguiça e ter coragem de tornar consciente seu poder. A segunda prática



foi feita em dupla. Um dos voluntários aproxima as duas mãos de uma planta de cura e se concentra em absorver a energia e o poder que circula na planta (ativar a ponte que conecta o movimento de nossos átomos com o movimento do ambiente, lembra?). Ficar o tempo que considerar necessário. Depois, levar as mãos ao lugar a ser curado no companheiro em frente. Deixar as mãos um tempo e, por último, passar a planta pelo corpo da pessoa. Daniel, que estava como voluntário no exercício, disse que sentiu seu ombro esquerdo sendo irrigado, respirando.¹⁶ A questão central é essa circulação, é fazer todo o corpo respirar. Junto com o universo. Com este exemplo de comunicação com as plantas, que também pode ser feito individualmente, Muz demonstrou esta constante circulação, e que a energia não estagna em nós. “Somos um meio de transporte, um veículo para levar essa energia para os outros”, afirmou. Mais uma vez, nossa grande responsabilidade.

Lembrando que na Grécia antiga ir ao teatro era um remédio comumente receitado pelos médicos, podemos transferir esta relação para a situação na qual o espectador pode passar por sensações tão fortes a ponto desta catarse operar uma mudança interna. Encontro exemplo em relatos sobre a experiência com o espetáculo: “[...] nos transporta a inúmeras experiências e sentidos. Palavras que continuam a circular mesmo após o fim da peça. Ao rodar, girar tantas vezes, consegui sair do próprio lugar.” E ainda: “[...] me tocou como força de empoderamento, independentemente de gênero, raça, nacionalidade... É restituir o homem de sua natureza divina. Relembrar, religar... Teatro sagrado”.¹⁷ Por esta relação, em alguns caminhos

teatrais, o ator é comparado a um xamã. Segundo Cohen (2001, p. 14), “remontando às religiões primordiais, animistas, do mundo ainda ‘encantado’, o xamanismo opera enquanto veículo de cura, de mediação e tradução entre diferentes realidades, reificação do mito e da narrativa”. O autor explica que o xamã atua como mediador e narrador, desdobra seu corpo, psique e presença, entre mundos físicos e imaginários, traduz expressões de mundos sensíveis. Distante do ordinarismo cotidiano, ele atua em um território mítico “onde realidade e imaginário se entretecem”, onde tempos, espaços e formas se configuram de formas semelhantes aos sonhos. O ator, de forma similar, pode ter estas características, quando desenvolve a capacidade de revelar e atuar com as multiplicidades do seu ser, de exteriorizar personas, e de trabalhar partindo de seu repertório memorial e aporte transpessoal (COHEN, 2001). “O xamanismo enquanto prática de veiculação de realidades paralelas, onde o atuante é o informante de outros mundos revelados, é um poderoso dispositivo de permeação com a alteridade. Torna-se, portanto, um referencial direto para as experimentações performáticas” (COHEN, 2001, p. 17). Desta forma, acredito que, em instâncias de trabalhos consistentes no que se refere a uma consciente manipulação de energias, o ator cura.

Continuando a reflexão no âmbito da conferência “Medicina Integrativa: A cura do corpo, mente e espírito”, e demonstrando a infinidade de “remédios” pouco convencionais, Muz também nos trouxe um exemplo de prática que aborda nossa comunicação com a terra. Nos EUA, segundo Muz, existe uma “nova” terapia, que parece estar sendo levada a sério. Chama-se “Earthing”, cujo significado seria algo próximo de “Aterrando”, e consiste em nada mais do que andar descalço ou deitar sobre a terra. Segundo esta prática, aterrar equilibra nossa energia. Tão simples, não é Nina? A prova da eficácia do método é que, segundo Eliade, na Índia, a medicina tradicional opera até hoje a regeneração de enfermos, enterrando-os numa cova com formato de útero. “É evidente o simbolismo do ‘novo nascimento’” (1994, p. 77). Este costume de enterrar os doentes também foi encontrado fora da Índia, segundo o referido autor.

Refletindo esta antiga prática, Muz trouxe-nos,

¹⁶ Daniel Becker coordenou a produção do evento. É ator há 25 anos, psicólogo, doutor em Artes Cênicas pelo PPGAC-UFBA e pesquisa a aplicação somática do Método Pilates para o desenvolvimento da Prontidão Cênica. É Instrutor de Pilates há 08 anos, formado pela Physio Pilates/Polestar e instrutor de Danças Circulares Sagradas há mais de 15 anos, com cursos pela Findhorn Foundation - Escócia (Anna Barton, Peter Wallace).

¹⁷ Durante as temporadas de “Rosário”, instauramos a prática de coletar depoimentos dos espectadores após a apresentação. Estes são, respectivamente, de Marina Casagrande e Marianne Tezza Consentino. Mais depoimentos em www.espetaculosario.blogspot.com.

ainda, uma informação técnica que é vinculada à sabedoria de estar em harmonia com o som da terra (“barulheira” que vem das entranhas do planeta, comprovada pelos cientistas). Novamente, a importância e a conexão de cura através do som. O geólogo explicou que o dó sustentado é um som muito importante em vários lugares. É o som da terra e quando caminhamos esse som flui em nosso corpo. Imagine o tamanho da vibração de um som que vem de dentro do planeta. Ou seja, o que acontece, se nos concentrarmos em ouvir/sentir/receber, é que nos harmonizamos com o lugar onde estamos e em última instância com o todo. “É importante criar raízes onde estamos. Cada lugar tem seu som adicional (além do dó sustentado). Se você está em Salvador e vibra o som da Holanda algo fica errado”, explicou Muz. Quantas pessoas conhecemos assim, não é? Nós mesmos, estamos no lugar que queremos ou devemos estar? Como estão nossas raízes? Creio que esta relação pode ser entendida também no sentido metafórico de nossos princípios, valores e crenças, estarem muitas vezes em desacordo com nosso estar e agir no mundo. Claro que isto é preocupante, porque qual será o resultado desse desequilíbrio no planeta?

Aparentemente contradizendo uma afirmação recorrente, Muz afirmou acreditar em coincidências. Para ele, elas têm um significado profundo. São COINCIDÊNCIAS, ou seja, duas coisas acontecendo ao mesmo tempo, e se estamos prestando atenção podemos ler as mensagens que aparecem diariamente para nós. Podemos ler e ouvir o mundo.

O homem das sociedades nas quais o mito é uma coisa vivente, vive num mundo “aberto”, embora “cifrado” e misterioso. O Mundo “fala” ao homem e, para compreender essa linguagem, basta-lhe conhecer os mitos e decifrar os símbolos. Através dos mitos e dos símbolos da Lua, o homem capta a misteriosa solidariedade existente entre temporalidade, nascimento, morte e ressurreição, sexualidade, fertilidade, chuva, vegetação e assim por diante. O Mundo não é mais uma massa opaca de objetos arbitrariamente reunidos, mas um Cosmo vivente, articulado e significativo. Em última análise, o Mundo se revela enquanto linguagem. Ele fala ao homem através de seu próprio modo de ser, de suas estruturas e de seus ritmos. (ELIADE, 1994, p. 125)

Esta visão ampliada aumenta nosso poder de *self care*, expande nossa percepção e finalmente nos leva à compreensão de que somos parte de uma totalidade que dança junto. Isto é um trabalho de cada um, de observar sua vida, sua história pessoal, sua infância. Um trabalho de entender suas escolhas e o resultado delas. Um trabalho de aprender a ler-se lendo o mundo. Para Muz, isto significa “tomar a decisão de ser aprendizes. Aprender com tudo. Voltar para o nosso eu porque a divindade está aí”. Lembrei-me das palavras de Buda Shakyamuni, que afirma que devemos entender nossa própria mente: “Não debes buscar a budeidade em nenhuma outra parte” (GYATSO, 1999, p. 444), observando que a budeidade se refere à realização da totalidade de nosso potencial (lembra-se da tímida parcela de 10% do cérebro que utilizamos?).

No final da conferência, eu trouxe a questão da melhoria do estado de saúde que vem sendo constatada no contexto dos hospitais que contam com visitas de palhaços, e ocorreu uma reflexão sobre como o riso representa diversos destes aspectos relacionados à cura abordados anteriormente. Muz afirmou que o riso é comunhão. Em vez de fugir, lutar ou congelar (reações a situações de estresse exemplificadas na apresentação de Vera), você simplesmente permanece, se abre e se comunica. É o grande e pacífico poder da ACEITAÇÃO. Claro, que isto me reportou imediatamente a um dos meus fazeres principais: a palhaçaria. Por me trazer efetivamente a possibilidade de “poder assumir uma conduta de humildade, de humanidade e de humor (os três H)” (NAVARRO, 1995, p. 64), o palhaço sempre representou uma cura profunda, seja assistindo a um palhaço ou me apresentando como tal. Ele me ensina justamente esta aceitação, de si, do outro, da situação. É uma respiração ante o desastre e um agir após aceitá-lo. Seu poder de transformação vem da capacidade de estar no momento presente. É o que disse Muz, no início de sua fala: “a cura passa por perceber a energia presente em tudo e se movendo”. É uma “coincidência” maravilhosa, que justamente durante a semana do evento, estávamos recebendo em Salvador, a presença de um mestre de riso Hotxuá. O “remédio” do riso é algo tão sério e ancestral que esteve presente em diversos rituais sagrados de sociedades primordiais, e pode ser encontrado em



algumas tribos ainda nos dias de hoje. É o caso do Hotxuá, uma espécie de palhaço sagrado, função ativa na etnia Krahô, situada no Tocantins. Ismael Aphrac Khraô é um dos mestres Hotxuás mais antigos, e esteve na cidade compartilhando seus fazeres e saberes, através de evento coordenado por Demian Reis, que tem aprofundado este tema em pesquisa de pós-doutorado.¹⁸ Na opinião de Muz, são sabedorias ligadas a uma ecologia de cura e que demonstram que a arte está ligada à cura e significa expansão da consciência.

Todos os dias do evento foram iniciados com uma aula de Ioga. A atividade “Kundalini Ioga: o Ioga da Consciência” orientada por Kaval Kaur Khalsa¹⁹ invocava um grande poder através de respirações fortes associadas a sons que causavam transformações dentro do *corpomente*. Também tivemos a presença de Rosel, com três atividades: “Movimento Autêntico e Pintura Corporal”, “Pintura Corporal e Meio Ambiente”, e “Performance e meio ambiente” (vide Figura 1).²⁰ Um belíssimo trabalho de ativação do contato com nossa NATUREZA ancestral, através da pintura do corpo, e que culminou numa performance de encerramento do evento, numa pequena floresta, ao som dos sinos de cristal de Awahoshi. Estar inteira pintada transportou-me a outras partes do meu ser e chorei quando vi que podia dançar. Neste dia, as cores no meu corpo e nos outros corpos, a terra em que estava pisando, o som dos sinos, e todas as curas vivenciadas ao longo da semana, trouxeram-me minhas capacidades de volta. Trouxeram-me

ao centro de minha origem, num grande ato regenerador. Esta semana foi realmente uma travessia. Comecei assistindo as aulas deitada, sentindo muita dor na coluna, e terminei a semana dançando. Para mim, esta é uma passagem significativa. Como negar a ENERGIA, a ressonância criada pelo que fazemos, e estes movimentos de cura? Como negar a influência da vibração em nós? Dia a dia eu percebia as reverberações sutis agindo concretamente em meu corpo, em minha mente, em meu espírito, e eu, enquanto ser integral de fronteiras tênues, e em forte relação com o ambiente, me vi reorganizando meus sistemas psicofísicos. Sim, é possível!

Criatividade

Atentando para o dinamismo da cultura, Muz afirma que a arte, o movimento e a cura são veículos que podem romper com a realidade do senso comum. Para ele, CRIATIVIDADE não tem a ver com fazer algo diferente, e sim criar o eu, diz ele. E eu concluo que não é um eu num sentido individualista, mas um eu que está em estado permeável, se comunicando em rede com todos os átomos de um universo em movimento constante. Eliade (1994, p. 129) revela que “nas sociedades arcaicas como em todas as outras partes, a cultura se constitui e se renova graças às experiências criadoras de alguns indivíduos”, e ressalta, tanto o papel de indivíduos criadores, na elaboração e transmissão dos mitos, quanto a vinculação da criatividade às experiências de êxtase, operadas por estes “especialistas do sagrado” em suas funções medicinais. Irmã, neste sentido, nós podemos ser estes xamãs em nossas próprias vidas fazendo o movimento de romper com a realidade do senso comum e operar nossa própria CURA. Lembrando que também somos responsáveis pela transmissão que virá como consequência deste movimento. Neste processo, Muz afirma que lidamos com o que vimos neste encontro: a dança entre o trauma individual e a harmonia (ou seja, entre a doença e a cura). E, assim, segundo ele, criamos novos mitos, novas histórias relacionadas a isso. Colocamos em movimento nossa cultura.

O reatar contato com a criatividade é imprescindível. Colocar a criatividade para mover-se em nós, diariamente. Creio que uma grande parte da cura,

¹⁸ Demian Reis é ator, diretor, palhaço e roteirista. É bacharel em História, pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), mestre e doutor em Artes Cênicas, pela Universidade Federal da Bahia. Em 2010, defendeu a tese de doutorado “Caçadores de Risos: o mundo maravilhoso da palhaçaria”. Atualmente, realiza pesquisa de pós-doutorado junto ao PP-GAC (UFBA) e ao IHAC (UFBA).

¹⁹ Kaval Kaur Khalsa é Professora Associada de Prática na Universidade Duke, onde dirige o Programa de Dança, professora certificada de Kundalini Yoga & Meditação, e adjunta na Academia Aquarian Teachers do Instituto de Investigação Kundalini.

²⁰ Rosel Grassmann é fotógrafa e artista plástica. Tem desenvolvido seu projeto “Pessoas Coloridas”, bem como realizado exposições de suas fotos destas performances, em diversos países da Europa e América Central.

leia-se cura como “alta organização”, está em ativar, usar diariamente a criatividade. Seja fazendo uma comida, combinando ingredientes, cores e temperos aprumados no sentido do sabor, seja arrumando seu espaço, fazendo um mural, produzindo sons (e não é necessário ser um profissional da música para isso), desenhando, escrevendo... Sobretudo, acredito que devemos dançar sempre, mover o corpo, fazer circular a energia, fundir-se com a criatividade orientada pelos impulsos vitais, entrar/estar em estado de criação. É um chamado para o diálogo com nós mesmos, a despeito do medo desta conexão que liberta, e deste poder que assusta. É bom sentir que pedaços da minha alma estão voltando, Nina. Independente da estética, acredito que o trabalho do artista parte da recuperação de uma memória pessoal, ou, se preferir, de memórias ancestrais, musculares, celulares... E creio que todo artista, qualquer que seja a linguagem que escolhe trabalhar, deve ter o sentido, o entendimento, de sua arte como sua cura. Estou falando de sua arte ser sua cura, mas também estou falando de amar o que você faz. Por quê? Como? Porque tanto seu ofício quanto sua cura têm a ver com a ativação de sua cultura, com o “trabalho de se sentir presente na natureza”, e com a celebração de sua origem. Isso explica comunidades, como aquelas que conhecemos nos interiores do Brasil, que, em situação de extrema pobreza, conseguem forças para manter suas manifestações culturais. Aquelas práticas garantem, para estes grupos, uma dignidade e um equilíbrio mínimo, que renova sua força, e os impede de cair no caos absoluto. “Tem-se a impressão de que, para as sociedades arcaicas, a vida não pode ser *reparada*, mas somente *recriada* mediante um retorno às fontes”, sugere Eliade (1994, p. 33). Acredito que nesses casos extremos a criatividade é um recurso que define a vida.

Reaprendendo a ver o óbvio

Pois sim. *Num ponto equidistante entre o atlântico e o pacífico, do objeto sim resplandecente, descerá o índio. E as coisas que eu sei que ele dirá, fará, não sei dizer assim de um modo explícito...* Por mais que tente explicar irmã, estamos no terreno do indizível, das comunicações sutis, de ações guiadas pelas percepções da intuição, de um olhar treinado para a leitura de energias... É



Figure 1. Felícia de Castro e Expedito Barbosa no campus de Ondina da UFBA. Oficina *Performance e Meio Ambiente*, II Encontro de Estudos em Movimento, 07.10.2011. Foto: Rosel Grassmann.

difícil trazer uma dimensão exata destas práticas. Estas palavras podem ser faróis, mas o trabalho de desenvolver é nosso. São descobertas que dependem deste estado de aceitação e calma. Esta conquista interna virá do *objeto sim*. Mas eu te garanto, como é dito na canção: *virá, que eu vi!* O preconceito com relação a estes conhecimentos transformadores ainda é grande: distorção oriunda de tropeços históricos que separaram razão, de emoção; corpo, de consciência; arte, de cura. Mas confesso tam-

bém minha falta de fé oriunda de dúvidas pregadas pela modernidade ocidental, e mais uma vez atesto a rasteira que levei ao confirmar estes saberes cientificamente através das aulas, e da percepção do resultado em mim. E então compreendo que *“aquilo que nesse momento se revela aos povos surpreende a todos não por ser exótico, mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto quando terá sido o óbvio”*.

Então, estamos tratando de reaprender a ver o óbvio. A ser responsáveis e usar o que dispomos para realizar a cura. Ela começa a partir de pequenos movimentos internos, que, às vezes, nos enchem de medo. Mas depois há a esperança e um sentimento bom. Trata-se de escolher se vamos ser arrastados pela correnteza alopática do senso comum, ou se vamos usar nossa sabedoria no sentido de determinar nossa vida.



Um índio descerá de uma estrela colorida brilhante, de uma estrela que virá numa velocidade estonteante, e pousará no coração do hemisfério sul na América num claro instante... Esta semana foi realmente especial e reuniu seres portadores de preciosos “remédios”, tanto os palestrantes quanto os participantes inscritos, que sem dúvida contribuíram para que a troca fosse rica e efetiva. Vieram trazendo as *mais avançadas que a mais avançada das mais avançadas das tecnologias*. Vieram nos lembrando do óbvio. Vieram nos lembrando de nossas próprias tecnologias. Vieram nos lembrando de como estar preservado em pleno corpo físico, como estar preservado *em todo sólido, todo gás e todo líquido, em átomos, palavras, alma, cor, em gesto, em cheiro, em sombra, em luz, em som magnífico*. Vieram nos lembrando de expressões culturais, conhecimentos científicos e sistemas de curas de todo universo; dos índios aos indianos; dos xamãs aos tibetanos; dos africanos aos aborígenes australianos. Vieram lembrar que toda arte é inseparável da espiritualidade e que nossa criatividade é nossa cura. Vieram *vestidos de academia* para entregar uma

mensagem muito atual; de forma muito concreta, muito rarefeita, muito científica, muito sutil. Vieram e todos nós juntos, como uma família cósmica, celebramos o que é hoje uma realidade e um acontecimento irreversível. Ficou a sensação de reencontro e a saudade desta comunidade que formamos. Ficaram os tantos ensinamentos e descobertas que agora posso compartilhar contigo.

REFERÊNCIAS:

- COHEN, Renato. Xamanismo e Performance: Ka e as mitopoéticas de Khlébnikov. *Revista Repertório Teatro & Dança*, Salvador, Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas, ano 4, n 5, p. 14-23, 2001.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- GYATSO, Geshe Kelsang. *Caminho alegre da boa fortuna*. São Paulo: Tharpa Brasil, 1999.
- NAVARRO, Federico. *Caracterologia pós-reichiana*. São Paulo: Summus, 1995.